

CUBA e a esquerda BRASILEIRA

Existem Centenas de prisioneiros políticos em Cuba. Eles são torturados, humilhados, destruídos como seres humanos. E ainda pior: muitos nem sabem por que estão presos. A localização do presídio é bem conhecida, mas são proibidas - ou restritas e vigiadas ao máximo - as visitas ao local de organizações que defendem os direitos humanos. Os prisioneiros não podem se comunicar com o mundo exterior, não têm acesso à internet nem a telefones celulares. Não sabem por quanto tempo ainda ficarão detidos nem mesmo se e quando serão levados a julgamento. Em resumo: eles apenas vegetam na prisão. Vagam como fantasmas, num espaço cercado por arames farpados, câmeras de vigilância e soldados fortemente armados. E o mais incrível vem agora: o maior responsável por essa situação foi contemplado, em 2009, com o Prêmio Nobel da Paz. Seu nome: Barack Obama, presidente dos Estados Unidos; a prisão fica em Guantánamo, base militar estadunidense na ilha.

É verdade que, de vez em quando, a situação dos presos de Guantánamo é objeto de alguma reportagem na mídia dos patrões. Mas nada que se possa comparar, sequer remotamente, ao tremendo barulho provocado pela morte do cubano Orlando Zapata, em 23 de fevereiro, por greve de fome. Aparentemente Zapata participava de um grupo de oposição ao regime castrista, embora, segundo o governo de Havana, se tratava de um prisioneiro comum. No Brasil, o assunto virou eixo de campanha da mídia. Se um marciano pousasse aqui no mês de março e se informasse sobre os fatos do mundo pelo *Jornal Nacional* e outros veículos semelhantes, teria a impressão de que não apenas os direitos humanos são levados muito a sério em nosso país, como, em contrapartida, o regime cubano é uma ditadura sangüinária. Mas o nosso ET pouco ou nada saberia, é claro, sobre Guantánamo.

Não se trata, obviamente, de fechar os olhos para o fato de que um prisioneiro - não importa se "comum" ou "político" - morreu por greve de fome: o caso é grave, e deve mesmo ser esclarecido. O preocupante é a agressividade hipócrita e asquerosa da direita que

só é comparável ao silêncio envergonhado da esquerda, especialmente no Brasil, que, com raras exceções, preferiu se calar ou colocar-se na defensiva.

Em todo o mundo, a direita ergueu um brado indignado contra o regime cubano. Em 11 de março, o Parlamento Europeu aprovou, em tempo recorde, uma resolução que, literalmente, encosta Havana na parede. Curiosamente, o mesmo parlamento nada fez de concreto quando se comprovaram as denúncias de que a CIA (serviço secreto dos Estados Unidos) utilizou, inúmeras vezes, o espaço aéreo europeu para transportar ilegalmente presos políticos acusados de "terrorismo". Tampouco o Parlamento Europeu adotou qualquer medida contra detenções arbitrárias e racistas de imigrantes, ou mesmo contra a legalização de tropas fascistas que se especializam em "caçar" estrangeiros clandestinos, como já acontece na Itália de Berlusconi.

Os mesmos "defensores dos direitos humanos" que bradam contra Cuba pouco ou nada disseram sobre o fato de que, em total contradição com tudo o que disse e prometeu durante a campanha, Barack Obama não apenas mantém a prisão de Guantánamo em funcionamento, como admite mudar as leis dos Estados Unidos para legalizar as detenções ilegais. Exagero? De jeito nenhum. Ao discursar, no dia 21 de maio de 2009, diante do prédio em Washington que abriga os documentos originais da constituição dos Estados Unidos, Obama declarou:

"Finalmente, resta a questão dos detidos em Guantánamo que não podem ser processados, mas que colocam um claro risco ao povo americano.(...) É possível que haja vários que não podem ser processados por crimes cometidos no passado, mas que ainda assim representam uma ameaça à segurança dos Estados Unidos. Exemplos incluem pessoas que receberam treino extensivo com explosivos em campos da Al Qaeda, comandaram tropas do Talibã em batalhas, expressaram seu apoio a Osama Bin Laden, ou, por qualquer outro meio, expressaram o seu desejo de matar americanos. Essas pessoas, de fato, estão em guerra com os Estados Unidos. Como eu disse, não vou libertar esses indivíduos que colocam em risco o povo americano."

Obama reproduz, aqui, um conceito fundamental da "doutrina Bush", e que, de fato, é a "doutrina Hitler": a ideia de "guerra preventiva", em que alguém que declara sua mera intenção de atacar os Estados Unidos é igualado a alguém que recebeu treinos em algum campo, que é por sua vez igualado a alguém que de fato praticou um ataque. Isto é, qualquer um pode ser detido como "suspeito". É fácil imaginar o barulho que a mídia faria se o autor do discurso fosse Fidel Castro, Hugo Chávez, Evo Morales ou qualquer outro "maldito".

No caso brasileiro, a situação é ainda mais grave pelo fato óbvio de que a campanha contra Cuba se inscreve no quadro mais amplo da ofensiva da direita contra a candidatura de Dilma Rousseff, descrita como "terrorista" pela *Folha de S. Paulo* e afins. Aja famosa reunião promovida pelo Instituto Milenium, os ataques furibundos de militares, latifundiários, bispos e outros assemelhados ao Plano Nacional dos Direitos Humanos - 3 (que impuseram recuos e mais recuos ao governo Lula) e a CPML contra o MST e a reforma agrária não deixam margem a dúvidas. Há uma articulação da direita, e a mensagem é clara: não vamos tolerar o avanço dos movimentos sociais no Brasil.

A direita assume a ofensiva, não tanto por temer que Dilma, se eleita, mude substancialmente a política econômica. O problema é outro: a direita prepara as condições para preservar o controle da situação política e social do país após a saída do grande bombeiro Luiz Inácio Lula da Silva, o único com autoridade e carisma suficiente para "acalmar" as bases sindicais, sociais e partidárias da esquerda. Dilma não tem cacife para isso, e muito menos seu principal adversário, Joscierra. A direita já sente o cheiro dos incêndios no ar (basta contar o número de greves e manifestações nos últimos seis meses, em todo o país, incluindo algumas das principais categorias de trabalhadores).

Mas 3 esquerda ainda dorme em berço esplêndido. 🏠

José Arbex Jr. é jornalista.

